

3.2.2. Tempo de lazer 3.0 – Transcrição

Tempo de Lazer 3.0 – TEDx Talks, orador: Prof. Dr. Ulrich Reinhardt | TEDxBerlin

Link do Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RjyxIsE3V2g>

Transcritora: Nadine Hennig Revisora: Elisabeth Buffard

Senhoras e senhores,

o que é que estão a ver aqui? Podemos diminuir as luzes para isso? Há alguma coisa que veja? Lama. Uma vaca. A Terra vista de cima. Nada. Vacas. Quantos de vocês estão a ver realmente uma vaca? Oh, isso é muito bom. Os outros devem estar a pensar: bem, as vacas devem ser diferentes no sítio de onde ele vem. (Risos). Quero dar-vos uma pequena pista. Aah! A vaca é bastante óbvia agora. Não é? Na verdade, é praticamente a mesma coisa se falarmos do futuro dos tempos de lazer.

O futuro dos tempos livres é absolutamente óbvio. Na Alemanha, temos um velho ditado que diz que, por vezes, não se vê a floresta por causa de todas as árvores. Bem, isso não é verdade, quer dizer, as coisas são óbvias e é o mesmo com o tempo de lazer. As pessoas têm certas necessidades, somos todos humanos. Gostamos de certas coisas. Gostamos de passar o nosso tempo com outras coisas, como por exemplo, com a amizade. E de certeza que não mudamos o nosso comportamento só porque temos novas possibilidades.

Uma mudança de comportamento precisa de tempo, e o tempo é muito, muito limitado. O que é que este número significa para nós? 8,760. É o número de horas que temos por ano. Agora, a grande questão é como estamos a gastar esta enorme quantidade de tempo que temos? Estamos a gastá-lo a trabalhar? Estamos a gastá-lo a fazer algo de que gostamos nos nossos tempos livres? Ou será que existe algo no meio?

Se dividirmos este tempo, podemos dividi-lo em três categorias. A primeira, como é óbvio, é o tempo de trabalho.

Se trabalha a tempo inteiro, trabalha cerca de 20% do seu tempo por ano, 1, 618 horas para ser preciso. Tem 29 dias de férias e está doente durante 7,6 dias. Tempo de obrigação: Depois temos este grande e enorme domínio que ocupa cerca de 55% do nosso tempo. Bem, não é tempo de trabalho, mas também não é tempo de lazer. É algo intermédio. Nós chamamos-lhe de "tempo de obrigações". É aí que fazemos coisas porque somos mais ou menos obrigados a fazê-las. Por exemplo, dormir. Em média, dormimos durante 7 horas e 14 minutos. É cerca de um terço da nossa vida, não estamos acordados. Está na sua própria cama. Ou o tempo que demora a chegar ao trabalho, o tempo que demora a assear-se ou a limpar a casa. O tempo que temos para cuidar de outra pessoa. Isso também leva tempo. E, claro, temos esta grande fusão entre trabalho e lazer. Quer dizer, quando foi a última vez que desligámos realmente os nossos telemóveis ao fim-de-semana? Quando foi a última vez que não escrevemos um e-mail ou lemos um e-mail enquanto estávamos de férias? Ou quando foi a última vez que saímos para beber uma cerveja com um amigo ou um colega e omitimos totalmente o tema trabalho da nossa conversa? Liberdade de escolha: O trabalho está sempre presente. Não se trata de puro lazer. O tempo que sobra é, de facto, lazer. O tempo de lazer

pode ser definido como aquele em que se faz algo sem ter de o fazer. É a liberdade de escolha. Não é fácil colocar simplesmente uma atividade neste campo. Pense, por exemplo, quando está a visitar os seus familiares. Isso é tempo de lazer? (Risos) Ou, para as mulheres, normalmente é tempo de lazer quando vão às compras. Será que é para todos os homens? Não tenho a certeza. Com o sexo, é a situação ao contrário. Mas isso é uma história diferente. (Risos).

Evolução do tempo livre: Voltemos atrás no tempo e vejamos como se processou a evolução dos tempos livres nos últimos 50 a 60 anos. Se recuarmos até aos anos 50, o tempo médio de trabalho era de 48 horas ou seis dias por semana. Não é de admirar que a descontração fosse muito importante quando se tinha tempo livre. Para além disso, houve a década dos baby boomers. Assim, a família estava realmente no centro da vida, e brincar com os filhos era a atividade de lazer mais comum. A terceira atividade de lazer mais popular era olhar pela janela. (Risos e aplausos) Uma atividade que não é muito comum nos dias de hoje. De facto, já nos anos 60, claro, a televisão trocou este olhar [pela janela]. Os anos 60 são também a década - a televisão é apenas um exemplo simples - em que toda uma onda de consumo se abateu sobre a Alemanha [Occidental]. Tivemos os primeiros carros, tivemos os primeiros aspiradores, a primeira máquina de lavar loiça, as primeiras máquinas de lavar roupa, as primeiras televisões - tudo isso surgiu durante os anos 60. Os anos 60 são também a única década em que as atividades culturais foram classificadas entre as dez primeiras. As pessoas iam aos museus, iam aos teatros, porque não havia muitas outras coisas para fazer. Os anos 70 são conhecidos como a década de ouro dos tempos livres. Tínhamos uma população em crescimento, com um rendimento crescente e uma quantidade crescente de tempo de lazer. Por isso, não é de admirar que se tenha desenvolvido uma nova indústria no nosso país. Antes disso, não havia, por exemplo, parques de diversões na Alemanha. Os anos 80 foram diferentes em muitos aspetos. Por exemplo, no que diz respeito ao desporto. Foi a única década em que o desporto esteve nos dez principais. A principal razão para isso foi, claro, Boris Becker e Steffi Graf. Venceram o torneio Wimbledon e muitos alemães pensaram que também podiam ser profissionais do ténis. A música também era muito popular. Alguns de vós podem até perceber a conexão entre uma cassete e um lápis. (Risos) (Aplausos) Claro que a maior influência durante os anos 80 foram os canais de televisão privados. É sempre interessante quando pergunto aos meus alunos na universidade: "Desde quando é que temos televisão por cabo ou canais de televisão privados no nosso país?" A maior parte deles olha para mim e diz: "O que é que quer dizer com isso? Sempre existiram canais de televisão privados". E quando lhes digo: "Quando era jovem tínhamos três canais de televisão e tínhamos o hino nacional à meia-noite e depois tínhamos o ecrã de teste até à manhã seguinte" (Risos), olham para mim e dizem: Que idade é que ele tem mesmo? (Risos) Claro que foi no ano de 1984, o ano de Orwell, que os canais privados de televisão estrearam. A propósito, 1984 foi também o ano em que o Chaos Computer Club publicou o seu primeiro estudo sobre o futuro dos computadores e o público pôde comprar computadores, Commodores, 64, Schneider, Atari - foram parar às lojas em 1984. A característica típica dos anos 90 é, naturalmente, o telefone. De repente, o telefone deixou de ser apenas um instrumento para trocar informações em 8 minutos por 23 Pfennig naquela altura. De repente, havia uma ponte para os outros. As pessoas estavam realmente a falar umas com as outras. Não era que as pessoas se encontrassem, simplesmente falavam umas com as outras ao telefone. Foi também a década em que se desenvolveram novos grupos-alvo. Lembram-se dos que tinham um rendimento duplo e não tinham filhos? Claro que sim. Os "best ager", os "golden ager" - todos nós os conhecemos. Mas e os "Skippies"? Alguém se lembra dos "Skippies"? Miúdos da escola com rendimentos e poder de compra. (Risos) Muito, muito populares durante os anos 90 - já não são assim tão populares. E, claro, na última década, dedicámo-la aos novos meios de comunicação: Internet, computadores, telemóveis, smartphones - tudo isto surgiu nos últimos dez anos.

Então e o presente? Como é que estamos a gastar o tempo que temos? Se olharmos para os 10 principais, a televisão continua a ser a campeã indiscutível. Não importa se entramos em diferentes grupos etários, se olhamos para o nível de educação de uma pessoa, o nível de rendimento, se é casada ou não, se é mulher ou homem - não importa. A televisão está sempre em primeiro lugar. Depois, vemos que os meios de comunicação antigos continuam a ser muito populares: ouvir rádio, ler o jornal e, claro, atividades sociais individuais, como passar tempo com a família ou com o parceiro, ou simplesmente pensar por si próprio. Não há dúvida de que os novos meios de comunicação social estão a ter uma grande influência. Veja-se, por exemplo, o facto de a Internet e o PC terem ganho cerca de 40% nos últimos cinco anos. Ou seja, mais 40% de utilizadores num período de tempo muito curto.

O que ainda me preocupa quando falamos da Internet é, naturalmente, esta espécie de fosso digital que ainda temos na Alemanha. Chamo-lhe os "Utilizadores" e os "Perdedores". Tomemos como exemplo a educação e a idade. Se tivermos uma boa educação, é muito provável que possamos estar online. Mas se tiver uma educação baixa, apenas um em cada três tem a hipótese de estar online. Agora, o problema não é o facto de não ter acesso. Quase todas as escolas já têm acesso. O grande desafio ou o grande objetivo a ter em conta é, obviamente, a capacidade de utilização dos meios de comunicação. As pessoas têm de ser capazes de utilizar esta nova ferramenta.

Se falarmos de grupos etários, não há dúvida de que só daqui a alguns anos é que a geração mais jovem utilizará a Internet com tanta frequência como a televisão. Para a minha idade, a meio da vida, não tenho tanta certeza. Há dois grandes fatores de influência. Um, claro, é o trabalho. A partir do momento em que se começa a trabalhar, não se tem tempo para estar sempre online. Não temos tempo para jogar videojogos toda a noite ou para aceder ao nosso perfil do Facebook. E a segunda coisa, claro, é o momento em que nos vamos casar. No momento em que nos casamos ou temos filhos, as nossas prioridades na vida simplesmente mudam. De repente, o consumo e os tempos livres deixam de ser tão importantes como eram. A família está no centro da nossa vida.

Mas voltando ao meu tema: O futuro dos tempos livres. Fazemos uma pergunta fácil e muito profunda: O que é que as pessoas gostariam de fazer com mais frequência? Como pode ver à partida, os chamados "3 S": Ser espontâneo, ter mais sexo e dormir até tarde - talvez até uma combinação dos três - ter sexo espontâneo e dormir depois, mas isso é outra história. (Risos) (Aplausos) Mas, à parte isso, só vemos que as atividades sociais individuais são as que as pessoas procuram: ter mais tempo para a família, mais tempo para os amigos, mais tempo para os colegas de equipa, para os vizinhos - até para os avós. Por isso, é muito interessante que os hábitos atuais das pessoas sejam totalmente diferentes daquilo que procuram. Se falarmos dos meios de comunicação: Apenas um em cada cinco alemães gostaria de ver mais televisão. Apenas 24% gostariam de utilizar a Internet com mais frequência. Isso é muito interessante.

A grande questão é: como será o futuro? Será assim? A família, ou o grupo de colegas, ou os amigos a fazerem coisas juntos durante os tempos livres - e talvez até ao ar livre. Ou será assim? Estarão no exterior - (Risos) - mas continuarão apenas ligados a si próprios. Não me interpretem mal, eu adoro a Internet e adoro a televisão. Quer dizer, a televisão oferece-nos muita informação, entretém-nos e, claro, é relaxante. A maioria das pessoas chega a casa depois do trabalho, senta-se no sofá e fica a ver televisão. Ou a Internet, quero dizer, está a dar-nos informação ilimitada - mais informação do que aquela que se pode encontrar nas maiores bibliotecas do mundo. Dá-nos a possibilidade de ir às compras 24 horas por dia, 7 dias por semana. Temos como que um cordão umbilical virtual para nos mantermos em contacto com a nossa família, com os nossos amigos, até com pessoas que podemos

ter perdido de vista. Mas, claro, tudo isto leva tempo. O que é que os alemães fazem normalmente quando têm esta sensação? O que é que os alemães fazem quando o tempo lhes está a fugir por entre os dedos? Bem, fazem três coisas: Fazem as atividades mais rapidamente, com menos precisão e combinam as coisas. Vejamos, por exemplo, a televisão. A maioria de nós não está apenas a ver televisão. Estamos a comer, a beber, a falar ao telefone, a passar a ferro a roupa para o dia seguinte. Estamos a fazer tantas coisas. A maioria dos estudantes alemães está a fazer os trabalhos de casa em frente à televisão. Mas isso é outra história.

Permitam-me que termine a minha intervenção com três reflexões que considero importantes para o futuro dos tempos livres. Número 1: Talvez devêssemos começar a esperar menos do desenvolvimento tecnológico e mais de nós próprios. (Aplauso) Segundo: Talvez devêssemos preocupar-nos mais com a nossa qualidade de vida e não apenas com o nosso nível de vida. (Aplauso) E finalmente: Talvez não devêssemos pensar apenas em como será o futuro, mas sim em como queremos que o futuro seja. (Aplauso) Espero que já tenham visto a vaca e muito obrigado pelo vosso tempo. (Risos) (Aplausos)

(Português, AlleVon TEDx Talks)